

# O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE DEUS?

*What do the children think about God?*

Sandra Felício Roldão<sup>1</sup>

Eleni Lechinski<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo apresenta o resultado de um estudo realizado a fim de tentar compreender como crianças entre seis e dez anos de idade representam Deus e também o entendimento que elas têm sobre a fé. O desafio é entender como essas crianças expressam o seu Deus. Talvez, para muitos, a tenra idade justifique olhá-las como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas, nesse artigo, tendo como âncora os estudos da Sociologia da infância, elas serão consideradas como atores sociais que, interagindo com o mundo, criam formas próprias de compreensão e de ação sobre a realidade, neste caso, sobre a fé. Concluiu-se com o estudo, que a religiosidade da criança está “costurada” aos valores de religião presentes no contexto familiar ao qual pertence e se encontram representados de diversas formas no cotidiano escolar, bem como na sociedade em geral. O estudo é caracterizado pela abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coletas de dados a roda de conversas e os desenhos das crianças.

**Palavras-chave:** Criança, Deus, família; fé.

---

<sup>1</sup> Pedagoga formada pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), com especialização em Psicopedagogia pela Associação Catarinense de Ensino. Contato: usandrinha@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

## ABSTRACT

This article presents the result of a study done to try to understand how children between six and ten years old represent God and the understanding that they have about “faith”. The challenge is to understand how these children express their “God”. Maybe for many people, the young age justify to look them as passive characters who just incorporate the adult culture that is imposed to them. But this article has the support of the childhood Sociology studies, and the children will be considered as social actors, that interacting with the world, can create their own ways of understanding and acting on the reality, in this case, about faith. It is possible to conclude with the study, that the child’s religiosity is “tied” to religious values in the familiar context on which they belong and represented in different ways in everyday school life and in society in general. The study is based on a qualitative approach, having the conversations and the drawings of the children as data collection instruments.

**Keywords:** Child; God; family; faith.

## INTRODUÇÃO

Muitos países passam por um momento crítico, sem mencionar a “sociedade planetária”, que se encontra em estado lastimável: miséria, desnutrição, desigualdades, dominações, exclusões, tráficos de armas e de drogas, poluição atmosférica, esgotamento de recursos naturais, guerra civil e religiosa etc.<sup>3</sup> Diante deste quadro, o ser humano busca dar sentido a sua vida, que se constrói no relacionamento do homem consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com o Transcendente, Deus. A Proposta Curricular de Santa Catarina enfatiza que:

O ser humano é na essência um ser em relação. E, buscando sobreviver e dar significados para a sua existência, ao longo da história, vai construindo formas desse relacionamento, na

---

<sup>3</sup> PERRENOUD, Philippe. *Escola e cidadania: o papel da escola na Formação para a democracia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

tentativa sempre de superar sua provisoriedade, sua limitação, ou seja, sua finitude.<sup>4</sup>

A “significação” que o ser humano encontra na fé e na religião são algumas respostas para suas próprias indagações. Para Fowler a fé é “um universal humano”.<sup>5</sup> O autor salienta:

Antes de sermos religiosos ou irreligiosos, antes de nos concebermos como católicos, protestantes, judeus ou muçulmanos, já estamos engajados em questões de fé. Quer nos tornemos incrédulos, agnósticos ou ateus, estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida e com o que a torna digna de ser vivida.<sup>6</sup>

Fowler faz uma diferenciação entre fé e religião, definindo esta última como “tradição cumulativa”, que reúne experiências e expressões de fé de pessoas no transcorrer do tempo. Ressalta ainda que a “fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados”,<sup>7</sup> que consiste também “na busca humana de relacionamento com a transcendência”.<sup>8</sup>

Segundo Brandenburg, “a religiosidade é manifestação tangível da fé em um contexto cultural específico. Já a religião compõe-se como uma configuração histórica da fé e da religiosidade e expressa em conhecimentos, ritos e ética”.<sup>9</sup> A autora salienta também que a “religiosidade trata mais das próprias concepções que a pessoa possui

---

<sup>4</sup> SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação infantil, ensino fundamental e médio. Disciplinas Curriculares*. Florianópolis: GOGEN, 1998. p. 234.

<sup>5</sup> FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 10.

<sup>6</sup> FOWLER, 1992, p. 20.

<sup>7</sup> FOWLER, 1992, p. 15-16.

<sup>8</sup> FOWLER, 1992, p. 24.

<sup>9</sup> BRANDENBURG, Laude E. A Dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo *et al.* (Orgs.). *Ensino religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 56.

sobre a vida, sobre a fé, sobre o divino”.<sup>10</sup> Streck corrobora, enfatizando que:

Religiosidade e fé estão bastante próximas por estar relacionadas a uma experiência mais pessoal (...) a religiosidade entendida como uma expressão da vivência de fé no seu grupo religioso (...) a fé vista de forma mais ampla, como busca que o ser humano faz para dar sentido a sua vida, independentemente se for religiosa ou não.<sup>11</sup>

Diante destas definições de religião, religiosidade e fé, percebe-se que o ser humano é essencialmente um ser religioso, que busca na Transcendência, as respostas para reorientar sua própria vida, sua finalidade.

Os questionamentos e a ideia sobre religiosidade demonstrada nesse artigo, as formas como o ser humano relaciona-se com Deus mostram muitos caminhos de estudos. Em suma, o pesquisador deve ficar atento a todos os detalhes. Sabe-se que a religiosidade está relacionada e faz parte de uma construção cultural de tradição cumulativa, desde os tempos primórdios da história da humanidade. Logo, percebe-se sua materialização no cotidiano escolar. Brandenburg discorre sobre o assunto enfatizando que

Nem todo o grupo estudantil possui uma vinculação com uma instituição religiosa. Mas devido à interconexão entre os termos fé, religiosidade e religião, compreendemos a religiosidade na escola como manifestação dessas três. Tratar delas é possibilitar momentos em que estudantes, ao compartilharem o que pensam e sentem a respeito, organizem essa sua dimensão (...) uma relação com o divino sem qualquer desrespeito à expressão da outra pessoa na diversidade da vida.<sup>12</sup>

Assim sendo, o objetivo geral do presente artigo é analisar o que pensam as crianças sobre Deus; suas reflexões, indagações, conhecimentos,

---

<sup>10</sup> BRANDENBURG, 2010, p. 57.

<sup>11</sup> STRECK, Gisela I. W. A função da família na educação religiosa de crianças e adolescentes. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 55, jan.-jun., 2015. p. 170.

<sup>12</sup> BRANDENBURG, 2010, p. 57.

inquietações, suas vozes, é o que se pretende compreender, considerando a criança como um ator social, efetivo e autônomo no desenvolvimento de sua fé. Para saber o que dizem sobre Deus, as seguintes questões foram elaboradas: Qual o papel que a criança exerce na formação de sua religiosidade? O que as crianças pensam sobre Deus? Como imaginam que ele seja? Como elas interpretam este ensinamento Transcendente? Quem as ensina sobre Deus?

Para responder a estas questões, foi realizada uma pesquisa caracterizada pela abordagem qualitativa, visando à obtenção de dados significativos. Os instrumentos utilizados na realização da investigação estão compreendidos em: i) roda de conversa com as crianças; ii) a técnica desenho, com a proposição do tema “Deus”. Os sujeitos participantes da pesquisa foram 20 crianças, com idade entre 6 a 10 anos, em uma escola da rede pública estadual, localizada na cidade de Joinville, SC.<sup>13</sup>

Pensar acerca de uma criança não é se referir a ela pelo que lhe falta em relação a um adulto, não é olhá-la com uma visão tradicionalista e biologizante, que a reduz a um ser em devir que um dia tornar-se-á adulto. Sarmento ressalta que:

(...) As crianças não sendo considerados como seres sociais plenos, são percebidos como estando em vias de ser, por efeito da acção adulta sobre as novas gerações. Este conceito (...) constitui, mais do que um constructo interpretativo da condição social da infância, o próprio factor da sua ocultação: se as crianças são o “ainda não”, o “em vias de ser”, não adquirem um estatuto epistemológico pleno.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Escola de Educação Básica Professora Maria Amin Ghanem, cidade de Joinville, estado de Santa Catarina. Escola pertencente à rede estadual de ensino.

<sup>14</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas, controvérsias. Sociedade e cultura 2. *Cadernos do Nordeste*, Série Sociologia, vol. 13. 2000, p. 149.

Pensar, analisar e perspectivar a educação de crianças exige que se retomem os diferentes níveis de análise sobre estas, percebendo-se as diferentes dimensões de sua constituição, rejeitando assim a ideia de que a criança recebe passivamente o que o mundo adulto lhe traz. A criança recebe, transforma e recria aquilo que absorve; modifica e lhe dá novos significados.

O sociólogo Willian Corsaro destaca em sua teoria a autonomia e a participação de crianças na construção social. Uma noção central na construção teórica de Corsaro é a de *reprodução interpretativa*, a qual o autor propõe em substituição ao conceito de socialização. Tal noção busca enfatizar que as crianças não são meros aprendizes passivos da cultura a sua volta, mas sujeitos ativos que participam das rotinas culturais oferecidas pelo ambiente social. Para ele, “as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”.<sup>15</sup>

Diante do exposto, a criança não deve ser vista como aquela que age passivamente, que “absorve”, que “imita” as ações e as falas dos adultos e que, no campo da fé, apenas “segue” os ensinamentos como algo já dado e acabado. A criança deve ser considerada como interlocutora legítima, ator social, capaz e apta a dialogar sobre o mundo no qual está inserida e o qual ela mesma ajuda a construir. Recorrendo a Sarmento:

A infância não mais poderá ser pensada, então, como a idade da não fala; as linguagens da criança deverão ser consideradas múltiplas, desde que nasce; nem como a ideia da não razão, uma vez que as crianças encontram outras formas de construir razão, nas suas interações cotidianas, nomeadamente, na incorporação de afetos e fantasias; também não será designada

---

<sup>15</sup> CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 15.

como a idade do não trabalho, se tiver em conta as múltiplas tarefas realizadas, diariamente pelas crianças nos diferentes espaços que habitam.<sup>16</sup>

As abordagens científicas que discorrem diretamente sobre a temática desse artigo não são abundantes; de certa forma, pode-se afirmar que são mínimas as discussões sobre Deus/religião/criança. Localiza-se alguns estudos que se concentram na área de Teologia, dentre os quais é possível citar Streck<sup>17</sup> (2010), Ponick (2014) e Fassoni (2010); e também na área de Antropologia, tal como Pires (2007).

Ponick (2014) ressalta em sua tese de doutorado um movimento amplo e profundo chamado *Child Theology Movement* (CTM) ou Movimento Teologia da Criança, que se iniciou no ano de 2001 e tem como principal objetivo colocar a criança como centro de toda a reflexão teológica, sempre reunindo pessoas envolvidas e identificadas com a causa das crianças no campo da fé. Para tal, várias consultas mundiais estão sendo realizadas, sendo que a mais recente aconteceu em agosto de 2015, em Quito, Equador<sup>18</sup>. A sede do movimento encontra-se atualmente em Londres, Inglaterra. No Brasil, a temática ainda é debatida paulatinamente e, ao que tudo indica, as crianças possuem pouca ou nenhuma “voz” sobre o assunto; ademais, poucos pesquisadores debruçaram-se a ouvi-las. Caldas remete a uma reflexão: “Quem tem menos voz que as crianças nas igrejas e na sociedade em geral?”<sup>19</sup> No parágrafo seguinte, serão relatadas

---

<sup>16</sup> SARMENTO, 2000, p. 156-157.

<sup>17</sup> A Professora Doutora Gisela Streck foi organizadora do projeto de pesquisa denominado “A criança e sua fé: por uma teologia das crianças”, integrante do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade EST.

<sup>18</sup> Consoante acompanhamento do Boletim de Informações do CTM. Disponível em: <<http://www.childtheology.org/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

<sup>19</sup> CALDAS, Carlos. A criança na teologia latino-americana. In: FASSONI, K.; DIAS, L.; PEREIRA, W. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 72.

as vozes das crianças, centrando suas falas e pensamentos sobre o tema discutido em tela.

## 1 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado com 20 crianças de 6 a 10 anos de idade, sendo 9 meninos e 11 meninas, todos alunos do 1º ao 5º ano dos anos iniciais. Para tanto, foi utilizada a pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Rayou, “parecem ser as mais adequadas para se tentar penetrar nas construções infantis”.<sup>20</sup> Com o objetivo de preservar a identidade dos sujeitos participantes, utilizar-se-á nesse artigo nomes fictícios, no entanto, a idade real das crianças permanece a mesma; desse modo, elegendo-as como principais informantes da pesquisa, buscou-se reconhecer sua voz e suas peculiaridades como expressão, considerando-as como atores sociais que produzem conhecimentos.

Para a obtenção dos relatos das crianças, foi realizada a técnica de conversação em grupo através de roda de conversa. Tal metodologia, segundo Warschauer (1993), reúne indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir. Mediante a conversa espontânea, captaram-se os sentidos e os significados das informações nas falas das crianças (valores, atitudes e opiniões). Minayo (1996) entende que uma “conversa” pode ser uma fonte de dados objetivos e subjetivos. A pesquisa foi realizada em dois grupos, cujo critério foi o fator idade. Primeiramente, foi realizada com as crianças de 6 a 8 anos e, por último, com as de 9 a 10 anos. Logo após o término da roda de conversa, as crianças produziram um desenho, em folha sulfite A4, intitulado “Deus”.

---

<sup>20</sup> RAYOU, Patrick. Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como compreendê-los? In: *Educação e sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, p. 465-484, maio/ago., 2005. p. 472.

Márcia Gobbi ressalta que, os desenhos, aliados à oralidade, podem ser “compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados”.<sup>21</sup> Sarmiento também enfatiza que “o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer”.<sup>22</sup> Esta ferramenta, o desenho, possibilita - para a criança - a expressão de sua percepção de mundo e, no caso estudado, sua relação com Deus, com o Transcendente.

Foi iniciada a roda de conversa, explanando para as crianças o tema da pesquisa e convidando-as a participarem do diálogo. Das 20 (vinte) crianças, 2 (duas) decidiram não participar. Uma delas, o Bruno (7 anos) alegou que “*a atividade de artes está muito legal*”<sup>23</sup>. Demartini em seu artigo sobre Pesquisa, Infância e Relatos Oraís, ressalta a importância da criança “querer” ou “não querer” participar da entrevista e de se estabelecer um vínculo com ela, “este é o passo número um” afirma a autora.<sup>24</sup>

Na primeira pergunta foi questionado: “quem é Deus?” As crianças ressaltaram que Deus é “*paz, vida, esperança*” (Allan, 9 anos); “*criador*” (Andressa, 8 anos); “*Ele nos fez*” (Maurício, 10 anos); “*salvador*” (Gabriela, 7 anos); “*é amor*” (Gabriel, 6 anos); “*protege do mal*” (Amilton, 9 anos); “*fiel, que nunca abandona a gente*” (Maurício, 10 anos); “*pai de Jesus*” (Agatha, 10 anos); “*espírito*” (Brenda, 8 anos), “*redentor*” (Allan,

<sup>21</sup> GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA; DEMARTINI, Z. B. F.; FARIA, A. L.; PRADO, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*, 2005. p. 71.

<sup>22</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a Infância: o desenho das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia. *Das pesquisas com crianças à complexidade da Infância*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 29.

<sup>23</sup> Os dados e informações apresentados constam em relatório de pesquisa.

<sup>24</sup> DEMARTINI, Zeila de B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: \_\_\_\_\_; FARIA, A. L.; PRADO, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. 3. ed. 2009. p. 13.

9 anos). Este último, quando questionado sobre o que seria “redentor”, respondeu: “*esqueci, a catequista<sup>25</sup> falou, mas não lembro*”.

No tópico seguinte da roda de conversa, foi indagado como as crianças imaginavam Deus? Euforicamente, responderam: “*perfeito*” (Andressa, 8 anos); “*não dá para explicar*” (Eli, 9 anos). Conversando entre pares, definiram como imaginavam Deus e chegaram às seguintes conclusões: “*Deus é pouco velho e pouco novo*” (Pedro, 7 anos); “*Deus não envelhece*” (Samantha, 9 anos); “*Deus é alto*” (Bianca, 6 anos). Houve divergências em alguns aspectos, tais como: no grupo de 6 a 8 anos, as crianças enfatizaram que “*Deus voava*”, e no grupo de crianças de 9 a 10 anos, concordaram que “*Deus não voava*”. Divergiram também sobre a cor dos olhos: 3 crianças salientaram que a cor é verde-escuro, 5 alegaram que é azul, 2 crianças ressaltaram que os olhos de Deus têm cor de mel e 8 concordaram que a cor é castanho-claro. No quesito barba, a hipótese levantada pelas próprias crianças foi a de que “*Deus possui barba*” (Maurício, 10 anos); salientaram que a “*barba de Deus não é branca*” (Samuel, 8 anos); “*não é longa, é pouquinha barba*” (Bianca, 6 anos). Percebe-se nas falas das crianças que a percepção delas sobre Deus se dá a partir de imagens antropomórficas, imaginando a forma física de Deus. Streck destaca que “Quando se pergunta sobre a imagem que a pessoa faz de Deus, se está recebendo informações sobre o desenvolvimento da sua religiosidade”.<sup>26</sup>

Streck realizou uma pesquisa social com 30 pessoas adultas. Uma das questões perguntadas aos adultos foi como imaginavam em sua infância a figura de Deus: sobressaiu a imagem do velhinho de barba branca. No decorrer de seu artigo, a autora argumenta “será que as crianças ainda imaginam Deus dessa forma?”.<sup>27</sup> Respondendo à pergunta da autora,

---

<sup>25</sup> Entende-se por catequista, aquele que transmite os ensinamentos para os catequizandos da igreja Católica Romana.

<sup>26</sup> STRECK, 2015, p. 172.

<sup>27</sup> STRECK, 2015, 173.

segundo a presente pesquisa realizada, as crianças não imaginam Deus como sendo um “velhinho”, pois “*Deus é pai, e o pai não é velho*” (Lucas, 6 anos); “*a barba de Deus é castanho-claro*” (Amanda, 10); “*Deus tem 30 a 50 anos*” (Bianca, 6 anos). Das crianças entrevistadas, somente 3 salientaram que Deus é “*velho e de barba branquinha*” (Nikita, 8 anos).

O ápice da conversação foi quando se questionou se Deus era “homem” ou “mulher”. Nos dois grupos, as crianças responderam em coro, ressaltando que Deus é homem. Algumas crianças apresentaram expressões de espanto em relação à pergunta. Samantha (9 anos) logo exclamou: “*claro que é homem!*”; “*é homem com certeza*” (Amilton, 9 anos); “*se fosse mulher seria deusa*” (Gabriel, 6 anos). Percebe-se nas falas das crianças que a imagem construída de Deus em forma de homem é um reflexo da cultura em que se vive, na qual o homem tem um papel preponderante, muitas vezes de opressor. Uma das crianças levantou uma questão no meio da discussão: “*se somos imagem e aparência de Deus, então ele pode ser menina também*” (Allan, 9 anos). Em um primeiro momento, o grupo aceitou a sugestão da criança, afirmando: “*é, é verdade*”. No entanto, depois voltaram a afirmar que Deus é homem.

A seguir, foi perguntado onde Deus morava. As 18 crianças concordaram que Deus mora no céu. Salientaram também que “*Deus está na natureza*” (Mirian, 7 anos); “*nos corações*” (Pedro, 7 anos); “*na nossa casa*” (Lucas, 6 anos); “*Ele é invisível, está em todas as partes*” (Amanda, 10 anos). Segundo Klein: “A imagem não deixa de ser real para a criança exatamente porque, nesta idade, ela ainda não consegue distinguir entre a fantasia e a realidade. Se Deus tem forma e características de pessoa, é evidente que ele precisa morar em alguma lugar”.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> KLEIN, Remi *et al.* *Deus mora no céu? A criança e sua fé*. 2. ed. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal, 1993. p. 14.

Também foi perguntado a elas sobre o que Deus fazia durante o seu tempo; as crianças salientaram que Ele: “*cuida da gente*” (Andressa, 8 anos); “*recebe orações*” (Gabriela, 7 anos); “*é como se a gente trabalhasse em uma empresa e Deus fosse o chefe, ele sempre está nos olhando*” (Samantha, 9 anos); o amigo contribui falando “*um chefe bonzinho*” (Amilton, 9 anos); “*protege dos perigos*” (Samuel, 7 anos). Uma criança salientou: “*quando é hora de alguém ir para o céu, ele vai lá e busca*” (Nikita, 8 anos); outra criança interpela: “*e se três pessoas morrerem ao mesmo tempo?*” (Brenda, 8 anos); as crianças concluem: “*os anjos ajudam*” (Gabriel, 6 anos).

Indagou-se às crianças, se Deus é bom ou mau. Imediatamente, as crianças responderam que Deus é bom. Uma delas levantou a seguinte questão: “*Deus às vezes castiga para colocar no caminho bom*” (Agatha, 10 anos). Após levantada esta questão, outras crianças ponderaram salientando: “*o ruim de Deus é para o nosso bem*” (Amanda, 10 anos); “*Deus foi mau na Copa do Mundo, o Brasil perdeu de 7 para a Alemanha*” (Allan, 9 anos). No grupo de crianças de 6 a 8 anos, salientaram: “*Deus fica triste*” (Gabriela, 7 anos); “*ele não gosta quando desobedecemos o pai e a mãe, fica muito brabo*” (Lucas, 6 anos); “*Deus usa o poder da amizade até com o inimigo*” (Pedro, 7 anos). As crianças menores não mencionaram a palavra “castigo”, enquanto as maiores a frisaram. Ademais, mencionaram em alguns momentos passagens bíblicas, a fim de dar exemplos das ações de Deus; aludiram ainda à passagem da “Arca de Noé”<sup>29</sup> e de “Moisés”<sup>30</sup>. Klein salienta que “Para muitas crianças ainda

---

<sup>29</sup> Na passagem da Arca de Noé, as crianças enfatizaram que Deus fez a arca para salvar os animais e a família. Salientaram que a atitude de Deus foi para proteger a Terra dos homens maus.

<sup>30</sup> Na passagem de Moisés, enfatizaram que Deus ficou brabo com Moisés, pois ele protegeu o povo hebreu.

é transmitida a imagem de um Deus que pune e se vinga por faltas cometidas”; ressaltam também que na falta de meios eficazes para disciplinar os filhos, os pais tendem a usar Deus como arma definitiva.<sup>31</sup> O próximo questionamento foi: quem as ensinou sobre Deus? 9 salientaram a figura materna, 4 indicaram a paterna, 1 indicou a avó e o pai, 2 crianças citaram a família e 2 alegaram que a igreja as ensina sobre Deus. Pires enfatiza que “Talvez pudéssemos afirmar que a religião, no caso estudado, se aprende no seio familiar, e está em sintonia com as relações domésticas (...) Ao mesmo tempo em que aprende a ser filho, a criança aprende a ser uma pessoa que ama a Deus”.<sup>32</sup> Streck corrobora afirmando que “A relação que a criança teve e tem com seu pai e sua mãe e com sua família vai determinar sua noção sobre Deus”.<sup>33</sup> Nas respostas das crianças, fica patente a influência da figura materna e da paterna na construção da imagem de Deus.

Para finalizar a roda de conversa, as crianças relataram se frequentavam alguma instituição religiosa: 9 alegaram frequentar a igreja católica; 4, igrejas evangélicas; 1, testemunhas de Jeová; 1, Luterana; e 3 crianças salientaram que não frequentam nenhuma instituição religiosa. Interessante ressaltar que uma das crianças que não frequenta instituição religiosa, interpelou a seguinte questão: “*é pecado não ir para a igreja?*” (Samantha, 9 anos). Vale destacar que em toda a discussão na roda de conversa, a palavra “pecado” ainda não tinha sido pronunciada por nenhuma criança. Algumas crianças olharam com expressões de reprovação para a amiga e enfatizaram: “*é pecado grave*” (Amilton, 9

<sup>31</sup> KLEIN, 1993, p. 18.

<sup>32</sup> PIRES, Flávia F. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino*. 226f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 14.

<sup>33</sup> STRECK, 2015, p. 171.

anos); “*temos que ir a igreja sempre*” (Eduarda, 9 anos). Porém, outras crianças saíram em defesa da amiga e salientaram: “*se você reza, obedece a Deus, não tem problema*” (Maurício, 10 anos); “*a igreja só ensina, mas não quer dizer que você só indo para a igreja será salva, o importante é amar a Deus*” (Agatha, 9 anos).

Diante das afirmações, é possível enxergar as crianças com base em suas experiências e manifestações, que na interação com seus pares expressam seus conhecimentos, sua fé, sua religiosidade.<sup>34</sup> Acerca da afirmação e da obrigação de “frequentar” uma instituição religiosa - como demonstrado na fala do Amilton (9 anos) e da Eduarda (9 anos) - pode-se pensar que são impostas pela cultura adulta. Na interpelação de Maurício (10 anos) e da Agatha (9 anos), percebe-se um novo olhar sobre a problemática, ou seja, que o frequentar a igreja é importante, mas não de caráter obrigatório. Martins Filho ressalta que a criança é um ator social, “considerando-a como sujeito que tem coisas a nos ensinar, que é diferente do adulto, e não é só um receptor, mas um ser ativo, capaz, competente, criativo, coconstrutor, singular, portador de um leque de relações sociais”.<sup>35</sup>

## 2 OS DESENHOS FALAM

Após a roda de conversa, as crianças foram convidadas a desenhar, em folha sulfite A4, sobre o tema “Deus”. As crianças de 6 a 8 anos aceitaram a proposta e sentiram-se motivadas; as de 9 a 10 anos elencaram alguns empecilhos com a técnica ou a proposta do tema, tais como: “*consigo imaginar Deus, mas não consigo desenhá-lo*” (Samantha, 9 anos);

---

<sup>34</sup> CORSARO, 2011.

<sup>35</sup> MARTINS FILHO, Altino José *et al.* A vez e a voz das crianças: uma reflexão sobre as produções culturais na infância. *Presença pedagógica*. Belo Horizonte/MG, nº 61, jan.-fev., 2005. p. 37.

“*professora, eu não gosto de artes, não gosto de desenhar*” (Maurício, 10 anos). Entretanto, mesmo diante das dificuldades apontadas, realizaram o desenho. A despeito das “dificuldades” que a técnica e o tema impõem, através dos desenhos foi possível levantar alguns questionamentos em relação à temática religiosidade e religião.

Becker afirma que “em cada desenho produzido por uma criança, sujeito datado histórico e culturalmente, há muito a ser visto e percebido, estão ali transbordando sinais, indícios ou pistas que ‘os olhos embaçados dos adultos não aprenderam a ver’”.<sup>36</sup>

No desenho 1, feito por uma criança de 9 anos, é possível observar que ela desenhou Deus e juntamente com ele um balão ressaltando a seguinte fala: “- *Você tem um minuto para ouvir as testemunhas de Jeová?*”. Ao ser questionada, relatou que todos os domingos, as testemunhas de Jeová vão ao portão de sua casa para falar de Deus, mas, segundo a criança, sua mãe não tem tempo para escutá-las. É importante salientar que a criança frequenta a igreja católica e vinculou a imagem de Deus a outra religião, pois segundo a criança “*eu atendo eles todos os domingos, eles batem palmas e a minha mãe fala para eu atender. Eu vou, pego a revistinha e agradeço*” (Allan, 9 anos). A esse respeito, Pires diz que “Os dados parecem indicar que, para as crianças pequenas, não existe um reino em separado da vida cotidiana que se definiria como religioso (...). Como não existe esta separação, não há como se falar em religião, muito menos em ‘minha religião’”.<sup>37</sup> A criança também relatou que “Deus é moderno e utiliza *hashtag*”<sup>38</sup>!

---

<sup>36</sup> BECKER, Rosana. *A constituição da infância: o que dizem as crianças de uma escola pública catarinense sobre a experiência de ser criança e de ser aluno*. 2006. 226f. Dissertação de Mestrado. UDESC. p. 53.

<sup>37</sup> PIRES, 2007, p. 131.

<sup>38</sup> *Hashtag* é uma expressão comum entre os usuários de redes sociais, na internet. Consiste da palavra-chave antecedida pelo símbolo #.

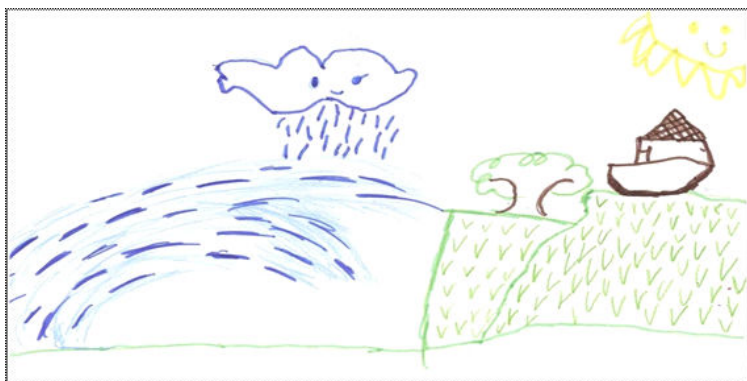
Desenho 1: Deus e a religião (Allan, 9 anos).



Fonte: Arquivo Pessoal

Na roda de conversa, as crianças mencionaram passagens bíblicas. No desenho 2, a criança representou a passagem “Arca de Noé” e, durante o desenho, contou a história para os amigos. Quando perguntado, onde estava Deus no desenho, ela ressaltou “dentro da arca” (Lucas, 7 anos).

Desenho 2: Deus dentro da arca de Noé (Lucas, 7 anos).

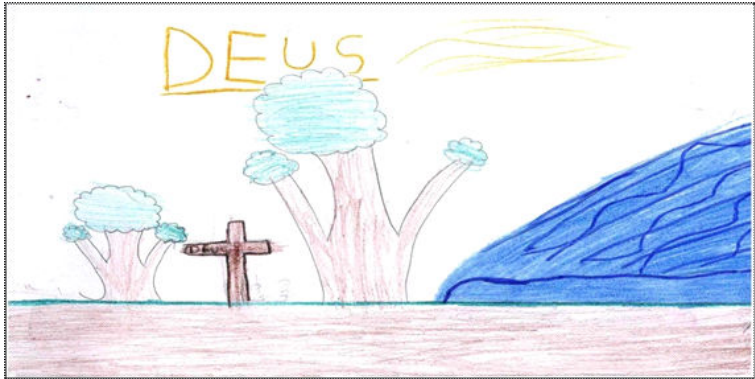


Fonte: Arquivo Pessoal

Em alguns momentos, durante a roda de conversa, as crianças descreviam Jesus como Deus, mas entre elas próprias, logo corrigiam. 4 (quatro) crianças representaram Deus na forma clássica de Jesus e 06 (seis) crianças desenharam a cruz (desenho 3 e 5). Interessante observar

que desenhar Deus na forma de Jesus e a cruz é, de certa forma, acurado em termos da teologia do cristianismo.

Desenho 3: As coisas que Deus criou (Maurício, 9 anos).



Fonte: Arquivo Pessoal

No desenho 4, nota-se que a criança expressa Deus através da natureza. A criança ressalta na mensagem que “*Deus Pai é unigênito*” (Brenda, 8 anos); outra criança, observando sua escrita, indagou: “*o que é unigênito?*” (Pedro, 7 anos). Com muita propriedade, Brenda (8 anos) respondeu: “*único*”. Percebe-se na fala da Brenda (8 anos) uma linguagem mais teológica, embasada em um versículo bíblico.

Desenho 4: Deus e Jesus (Brenda, 8 anos).



Fonte: Arquivo Pessoal

No desenho 05, fica evidenciado o Deus imaginado pela maioria das crianças entrevistadas. Streck salienta que “sua percepção sobre Deus ainda se dá a partir de imagens antropomórficas. Ela já tem possibilidades mais elaboradas de raciocínio, mais ainda o faz de maneira concreta, não conseguindo chegar à abstração”.<sup>39</sup>

Desenho 05: Deus (Maurício, 10 anos).



Fonte: Arquivo Pessoal

Delors argumenta que a educação não pode contentar-se somente em reunir as pessoas, fazendo-as aderir a valores comuns forjados no passado. Mas “deve, também, responder à questão: viver juntos, com que finalidades, para fazer o quê? E dar a cada um, ao longo de toda a vida a capacidade de participar, ativamente num projeto de sociedade”.<sup>40</sup> Delors também defende que é indispensável à educação do século XXI, o confronto através do diálogo e da troca de argumentos. A instituição educacional que tem função difusora e socializadora deverá proporcionar oportunidades às crianças, de ajudar a compreender o mundo e o outro, a

---

<sup>39</sup> DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez Brasília: DF/MEC/UNESCO, 2000. p. 60. Dissertação de Mestrado. UDESC. p. 53.

<sup>40</sup> STRECK, 2015, p. 171.

fim de que cada um se compreenda melhor e a si mesmo.<sup>41</sup> Em suma, como escreveu Severino:

[...] que cada um se aprenda. O que tem sido o que foi e o que pode vir a ser. E que cada um aprenda o outro; esta aprendizagem imprescindível na diversidade, não simplesmente aceitando ou admitindo a adversidade, mas reconhecendo nela uma necessidade insubstituível de humanização, admirando a diversidade em que cada um pode se aprender, e se aprender no outro e com o outro.<sup>42</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que a instituição escolar pode ser um espaço em que se aprende a viver juntos e a conviver com o outro e com as diferenças. Que através do diálogo, da reprodução interpretativa, da cultura de pares, as crianças sejam ouvidas, respeitadas, vistas como atores sociais, ativas, que produzem conhecimento sobre as diferentes dimensões da vida, inclusive sobre sua religiosidade. Sem proselitismo, sem preconceitos. Faustino Teixeira traz o diálogo interreligioso como possibilidade para uma educação para a alteridade e para a tolerância, afirmando que esta deve começar na infância.<sup>43</sup>

É mister salientar a constante “troca” entre as crianças durante a roda de conversa. Elas interagem entre pares, explanaram o assunto com muita propriedade e através do diálogo demonstraram sua visão sobre

---

<sup>41</sup> DELORS, 2000, p. 49.

<sup>42</sup> SEVERINO, Antonio. *Educação e transdisciplinaridade: crise e reencantamento da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 82.

<sup>43</sup> TEIXEIRA, F. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI, C.; STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. (Org.). *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. p. 35.

sua fé e sobre Deus. Em uma troca significativa, em meio a risos, gestos e debates, as crianças reestruturaram seus conhecimentos e expressaram sua fé. Ficou evidenciado durante a pesquisa que a religiosidade da criança está “costurada” aos valores da religião presentes no contexto familiar ao qual pertence, sendo tais valores representados de diversas formas no cotidiano escolar, bem como na sociedade em geral.

Vale destacar ainda que em nenhum momento foi percebido qualquer desrespeito com a crença do outro. Mesmo com a complexidade do tema, as crianças apresentavam suas explicações com simplicidade e seriedade, rejeitando assim a ideia de que a criança recebe passivamente o que o mundo adulto lhe oferece. A criança recebe, transforma e recria aquilo que absorve; modifica e lhe atribui novos significados.

As expectativas diante da temática “O que pensam as crianças sobre Deus” instigam a avançar os caminhos da investigação. Pode ser defendido como um assunto de suma importância na sociedade, haja vista as fortes representações religiosas presentes nas diversas expressões de fé. Logo, as questões apontadas são relevantes e merecem um aprofundamento, com novas pesquisas e dados. Enfim, espera-se que esse trabalho possa contribuir com novos estudos acerca da religiosidade das crianças.

## REFERÊNCIAS

BRANDENBURG, Laude E. A Dimensão epistemológica da religiosidade. In: WACHS, Manfredo *et al.* (Orgs.). *Ensino religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 53-60.

BECKER, Rosana. *A constituição da infância: o que dizem as crianças de uma escola pública catarinense sobre a experiência de ser criança e de ser aluno*. 2006. 226f. Dissertação de Mestrado. UDESC.

CALDAS, Carlos. A criança na teologia latino-americana. In: FASSONI, K.; DIAS, L.; PEREIRA, W. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez Brasília: DF/MEC/UNESCO, 2000.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: \_\_\_\_\_; FARIA, A. L.; PRADO, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. 3. ed. 2009. p. 02-17.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA; DEMARTINI, Z. B. F.; FARIA, A. L.; PRADO, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*, 2005. p. 69-92.

KLEIN, Remi *et al.* *Deus mora no céu? A criança e sua fé*. 2. ed. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal, 1993.

MARTINS FILHO, Altino José *et al.* A vez e a voz das crianças: uma reflexão sobre as produções culturais na infância. *Presença pedagógica*. Belo Horizonte/MG, nº 61, jan.-fev., 2005. p. 35-45.

PERRENOUD, Philippe. *Escola e cidadania: o papel da escola na Formação para a democracia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIRES, Flávia F. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino*. 226f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RAYOU, Patrick. Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como compreendê-los? In: *Educação e sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, p. 465-484, maio/ago., 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas, controvérsias. Sociedade e cultura 2. *Cadernos do Nordeste*, Série Sociologia, vol. 13. 2000, p. 145-164.

\_\_\_\_\_. Conhecer a Infância: o desenho das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia. *Das pesquisas com crianças à complexidade da Infância*. Campinas: Autores Associados, 2011. 210 p.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação infantil, ensino fundamental e médio. Disciplinas Curriculares*. Florianópolis: GOGEN, 1998.

SEVERINO, Antonio. *Educação e transdisciplinaridade: crise e reencantamento da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

TEIXEIRA, F. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI, C.; STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. (Org.). *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. p. 29-40.

STRECK, Gisela I. W. A função da família na educação religiosa de crianças e adolescentes. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 55, jan.-jun., 2015. p. 169-178.